

**“ Poesia,
teu nome
particular é
Emílio ”**

**Exposição Comemorativa do
Centenário de Emílio Moura
1902 - 2002**

Aqui termina o caminho
(Canto da hora amarga)

**Os sinos cantando, as sombras todas
se diluindo dentro da tarde.
Dentro da tarde, o teu grave
pensamento de exílio.**

**Por que ainda esperas? Aqui termina
o caminho, aqui morre a voz,
e não há mais eco nem nada.**

**Por que não esquecer, agora, as
imagens que tanto nos perturbaram
e que inutilmente nos conduziram
para nos deixar, de súbito, na
primeira esquina?
Essa voz que vem, não sei de onde,
esses olhos que olham, não sei o quê,
esses braços que se estendem, não
sei para onde...**

**Debalde esperarás que o oco de teus
passos acorde os espaços que já não
têm voz.
As almas já desertaram daqui.
E nenhum milagre te espera,
nenhum.**



Libertação (Ingenuidade)

**Sou um poeta quase místico:
A vida é bela quando é um êxtase.**

**Ah! não ter um pensamento, um só
pensamento no cérebro,
não vigiar a vida, a vida inquieta, a
vida múltipla da sensibilidade,
mas vivê-la, de olhos cerrados, num
silêncio cheio de ritmos;
não ouvir as palavras frias que
mudam o destino,
ou que o fazem semelhante a um
autômato;
e saber a toda hora,
saber sempre
que a vida é bela quando é um
êxtase.**

Interrogação (Ingenuidade)

**Sozinho, sozinho, perdido na bruma.
Há vozes aflitas que sobem, que
sobem.**

**Mas, sob a rajada ainda há barcos
com velas
e há faróis que ninguém sabe de que
terras são.**

**- Senhor, são os remos ou são as
ondas o que dirige o meu barco?
Eu tenho as mãos cansadas
e o barco voa dentro da noite.**



Três caminhos
(Cancioneiro)

Percorri tantos caminhos,
tantos caminhos andei.
O primeiro era de nácar,
de rosa pura o segundo.
O terceiro era de nuvem,
no terceiro te encontrei.

O primeiro já trazia
teu nome brilhando no ar.

Não era nome de terra:
cantava coisas do mar.

Logo senti que o segundo
já era estrada de encantar.

Mas o terceiro, o terceiro
quantas voltas não foi dar!
Deixou meu corpo na terra,
meu coração no alto-mar.
Virou vento, virou bruma,
perdeu-se, rápido, no ar.

Lamento em voz baixa
(Cancioneiro)

**A vida que não tive
morre em mim até hoje.
Chega, límpida, pura,
sorri, pálida, foge.**

**A vida que não tive
salta, viva, de tudo.
Se me sorri nos olhos,
com que ilusão me iludo.**

**A vida que não tive
é o que há de mim em mim,
chama, orvalho, segredo
do nunca de onde vim.**

**Misticismo
(Ingenuidade)**

**O céu lindo da vila pobre!
E a igreja pequenina, que se espicha
toda na torre,
com vontade de ver o céu.**

E o céu tão alto, e o céu tão alto!



Traços do poeta

Um dos primeiros modernistas da literatura brasileira, Emilio Moura não se deixou marcar pelos traços passageiros do escárnio com que se trataram as técnicas passadistas da literatura. O seu modernismo é sereno e maduro, desde o início. Como se fosse algo intrínseco a ele, independente de turbulência e controvérsia. Nada de circunstancialidade, de poemas-piadas, nada de excessos para chocar a opinião pública. Nada, também, dos perecíveis sentimentalismos postos em prosaicos versos livres.

A poesia de Emilio Moura será um enigma eterno a ser decifrado pelas gerações de leitores. Sua visão do mundo era única e original, conforme o diz no poema "Viagem":

"Que ar esquivo, único, neutro,
as coisas têm aos teus olhos!
E estás só. Lúcido e só".

Fábio Lucas

Secreta música

A poesia de Emílio Moura é uma secreta música. Talvez seja de fato a música no sentido de "puro movimento liberto do concreto", - o elemento essencial de sua poesia, com a ressalva de não ser tão livre, a palavra, quanto o som que se transforma em tom de categoria musical específica. Mas a palavra possui também um sopro transfigurador que é a voz lírica do poeta, a voz trêmula de emoção, límpida de expressão, propícia a comunicação. Não me refiro evidentemente, à voz que ressoa em termos de propriedade física mas àquela contida nos versos de modo implícito, a que os torna coisa viva e humana, capaz de repercutir em sensibilidade alheia. É que os poemas de Emílio Moura dão idéia de levitação, imponderabilidade, volatilidade.

Henriqueta Lisboa

A poesia de Emilio Moura

Emílio Moura é modernista, mas não aderiu às ousadias da arte poética do Modernismo, presentes na maioria dos seus companheiros de geração. Produziu uma literatura discreta e disciplinada.

Em seus livros predominam os poemas curtos, de versos simples, lentidão de ritmo e vocabulário fácil, porém marcados por grande profundidade poética.

O escritor empenhava-se em buscar a chamada "poesia pura", que, segundo ele, não está nas coisas, mas na idéia das coisas. No poema "Às Vezes", ele se refere a uma poesia infinitamente pura, não como uma rosa, mas como a idéia de rosa.

Na tentativa de expressar essa pureza, o poeta preferiu os temas ligados aos sentimentos, destacando o amor, a renúncia e a solidão. No mesmo caminho, cultivou o pessimismo e a desesperança, e, por isso, foi chamado de "poeta do não".

Emílio Moura também encontrou no mito e na espiritualidade o suporte de sua vocação poética. A sensação de vazio e de incompletude da vida levou-o a expressar, de modo conformado, o passar do tempo e o inevitável fim de tudo. Nossa Literatura deve orgulhar-se de ter esse poeta que soube fazer versos de boa qualidade, unindo a sensibilidade e a técnica.

Letícia Malard



Soneto a
Carlos Drummond de Andrade
(O instante e o eterno)

**A hora madura envolve-te e palpita
nela o que ora te oferta, ora recusa:
posse do que és, na solidão
recôndita,
graça de amar, ressurreição dos
mitos.**

**Claros enigmas riscam céus
distantes.
Falam-te as coisas pela voz que é o
próprio
sentimento do mundo e pela meiga
sombra sutil que ressuscita a
infância.**

**Ouço-te andar nas lajes desta rua,
que nem sei se é de Minas ou de
alguma
pátria remota que ao teu canto se
abre.**

**E amo-te a voz multiplicada em ecos:
verbo dócil à força íntima e pura
que à máquina do mundo se
incorpora.**

A casa (A Casa)

**A alma em transe da Casa já não
fala.**

**Tudo anoitece: a vida e seu sentido.
Que pode a alma do tempo, já
perdido,
compor, à tarde, à luz que lhe
roubamos?**

**Pairas em vão no ar, Casa vivida.
Que abstrata arquitetura ainda
levantas
nesse jamais que acende no
horizonte
a ânsia de eterno de que vive a vida?**

**Em que curva do tempo te procuro,
em que móvel desenho, em que
momento,
em que voz, em que forma, em que
sentido?**

**Ouço-te o a sós desmoronar obscuro.
Já nem sou mais nas fábulas que
invento,
ó morta luz, ó diálogo esquecido!**

O poeta e a pedra
(Alma vária)

O poeta está diante da pedra.
O poeta sabe que não há apenas a
pedra,
que a vida explode,
a quem,
além
e ao redor da pedra.
mas, diante dêle,
a pedra,
ah, dentro dêle,
a pedra
e um vazio maior que o vazio de
tudo.



Calmaria (Cancioneiro)

Água estagnada,
nuvem parada,
folha perdida,
pássaro de asa
partida.

- Ó vento que morreis,
de leve, de leve,
desperta!

Luz que se apaga,
sombra diluída,
névoa que vaga,
voz que se cala,
ferida.

- Ó vento que adormeceis,
de manso, de manso,
gritai, gritai!

Tímida esperança,
pálido desejo:
a tarde tão mansa,
tão lânguida a noite
que vem.

Ó alma naufraga,
como tudo o mais:
desesperai!

Como a noite descesse...
(Cancioneiro)

Como a noite descesse e eu me sentisse só, só e desesperado diante dos horizontes que se fechavam gritei alto, bem alto: ó doce e incorruptível Aurora! e vi logo só as estrelas é que me entenderiam.

**Era preciso esperar que o próprio passado desaparecesse, ou então voltar à infância. Onde, entretanto, quem me dissesse ao coração trêmulo:
- É por aqui!**

**Onde, entretanto, quem me dissesse ao espírito cego:
- Renasceste: liberta-te!**

**Se eu estava só, só e desesperado, por que gritar tão alto?
Por que não dizer baixinho, como quem reza:
- Ó doce e incorruptível Aurora...**

se só as estrelas é que me entenderiam?

À boca da noite
(noite maior)

**Não olhes: é a noite
completa que tomba.**

**Não olhes: é a estrada
que, súbito, acaba.**

**Não olhes: é o anjo,
teu anjo que chora.**

Não olhes.

CANÇÃO (Cancioneiro)

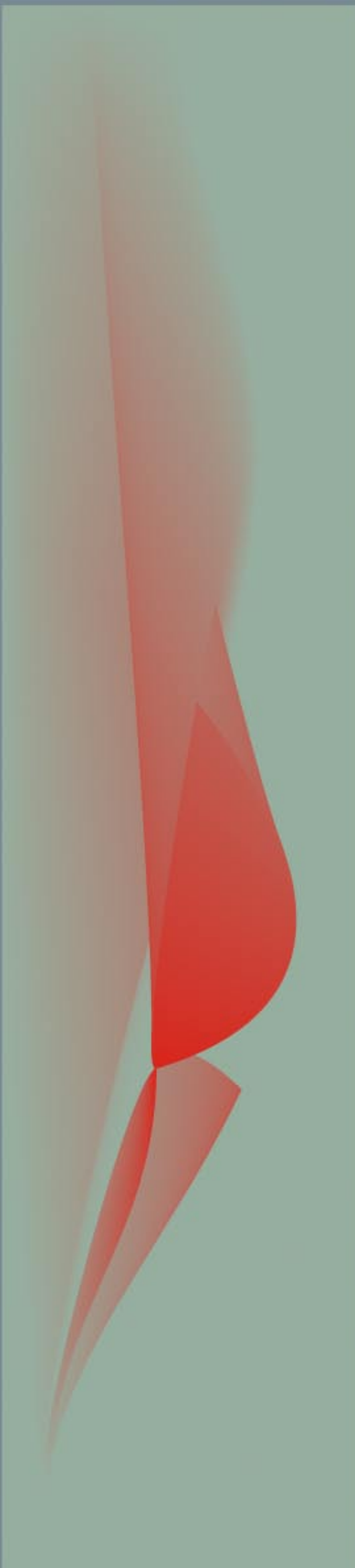
Viver não dói. O que dói
é a vida que se não vive.
Tanto mais bela sonhada,
quanto mais triste perdida.

Viver não dói. O que dói
é o tempo, essa força onírica
em que se criam os mitos
que o próprio tempo devora.

Viver não dói. O que dói
é essa estranha lucidez,
misto de fome e de sede
com que tudo devoramos.

Viver não dói. O que dói,
ferindo fundo, ferindo,
é a distância infinita
entre a vida que se pensa
e o pensamento vivido.

Que tudo o mais é perdido.



Toada dos que não podem amar
(Canto da hora amarga)

**Os que não podem amar
estão cantando.**

**A luz é tão pouca, o ar é tão raro
que ninguém sabe como ainda
vivem.**

**Os que não podem amar
estão cantando,
estão cantando
e morrendo.**

**Ninguém ouve o canto que soluça
por detrás das grades.**

Às vezes
(Poemas)

Às vezes de repente, é como se tudo já houvesse desaparecido da face da terra.

**Fôste só e estás só.
Onde os ruídos de há pouco?
O próprio ritmo dos astros se organizava e participava de tua vida interior.**

**E, agora?
Agora, é como se, de repente, tudo houvesse desaparecido da face da terra.
Já não dispões nem ao menos do mundo incorruptível do menino que havia em ti.**

Poema
(Entre o real e a fábula)

A Autran Dourado

Duro caminho é o de saber que não há caminho.
O que há são fragmentos de rota que o tecido do acaso une ou desune. Estar, andar. Identificar-se com as coisas, com o tempo. Estar aqui, ali. Estar antigamente, estar futuro, ou buscar-se no espelho onde não há espelho.
Isso é tudo.
Mesmo assim nos sonhamos, e sonhamos um roteiro, um destino.
Não no espaço, ou no tempo, mas na parte de nós, ah, tão frágil, que se devora e, perdida, se salva.

**Meditação, à tarde, em Ouro Preto
(Lira Mineira)**

**Que melodia sobe dêstes ermos
onde sombras andaram que não
estas que vivem de ser sombras?
Que respiro, que respiro e soluço?
Que segredos saltam destas
ladeiras?
Que horas caem de pêndulos
perdidos?
Quem caminha sôbre êste chão?
Quem parte e não regressa?**

**Vividos ecos soam como vozes
ainda vivas.
Ah, Nizes e Marílias!
Sombras de olvido, pátinas de cinza
tudo apagam.
Quem sabe de si mesmo,
como de antes e sempre?
Agora é nunca.**

Nunca! O eco repete. E é tudo, é nada.

Por quê?
(Canto da hora amarga)

Desejo de fugir para uma região
impossível que [não existe,
onde a paisagem fôsse tão triste que
nos desse [vontade de não viver mais.

Meu coração tão pesado,
minha bôca tão fria.
Por quê tantos olhos cheios de tantas
lágrimas?
Por quê tantas palavras e tantos
gestos?
Por quê êste sol tão vivo,
Êste sol, meu Deus, e êste sorriso,
Êste sorriso que é dela e que está
dizendo, dizendo agora, como sempre,
Que a vida é bela, que a vida é bela?



O poeta Emílio Moura

Nasceu em Dolores do Indaiá, Minas Gerais, a 14 de agosto de 1902, filho de Eloy de Moura Costa e Cornélia Guimarães Moura.

Fez estudos primários em Bom Despacho, Carmo de Mata, Cláudio e o secundário no Instituto Guimarães, em Dolores do Indaiá. Incentivado pelo tio Cornélio Caetano, produziu os seus primeiros poemas. Concluiu o secundário no Ginásio Mineiro, Belo Horizonte.

Bacharelou-se em Direito em 1928, pela Faculdade de Direito da UFMG, mas, após alguns meses de experiência, deixou de exercer a advocacia.

Foi professor de História da Civilização da Escola Normal Oficial de Dolores do Indaiá de 1928 a 1931.

Casou-se no início de 1931 com Guanaíra Portugal Moura.

Residindo em Belo Horizonte, desde o início da década de 20, aproximou-se de Carlos Drummond de Andrade, de quem se tornaria um dos amigos mais íntimos. Formou-se então um grupo integrado por Abgar Renault, Pedro Nava, Milton Campos, João Alphonsus, Alberto Campos, Gabriel Passos, Gustavo Capanema, Anibal Machado, Martins de Almeida, Mário Casasanta e Gregoriano Canedo. Mais tarde, juntar-se-iam ao grupo Ciro dos Anjos, Afonso Arinos, Guilhermino César e João Guimarães Alves.

Em 1924 integrou o grupo da Revista, publicação modernista, juntamente com Carlos Drummond de Andrade, Gregoriano Canedo (diretores) e Martins de Almeida.

Publicou o seu primeiro livro, *Ingenuidade*, em 1931.

Em Belo Horizonte, foi redator dos jornais *Diário de Minas*, *Estado de Minas*, *A Tribuna* e *Minas Gerais*.

Publicou seu segundo livro, *Canto da hora amarga*, em 1936.

Tornou-se secretário do Conselho Administrativo do Estado de Minas Gerais. Foi diretor do Departamento de Ensino da Secretaria de Educação do Estado e diretor da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

Foi também secretário do então recém-criado Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais.

Professor de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia da UFMG e professor catedrático de História das Doutrinas Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, da qual foi fundador e diretor em 1945.

Ocupou a cadeira nº20 da Academia Mineira de Letras, cujo patrono é Arthur Lobo.

Publicou o seu terceiro livro, *Cancioneiro*, em 1945.

Em 1948, lançou o *Espelho e a Musa*, com o qual obteve o prêmio de poesia do governo do Estado.

Em 1953, publicou o *Instante e o Eterno*, além de 2ª edição de *Canto da hora amarga*, *Cancioneiro* e o *Espelho e a Musa* reunidos como o título *Poesia*.

Em 1961, escreveu o poema "A casa". Publicou também uma pequena antologia 50 poemas escolhidos pelo autor.

Obteve o Prêmio de Poesia do Instituto Nacional do Livro, em 1970, com *Itinerário poético*, coletânea de todos o seus livros, considerada por ele sua obra definitiva.

Faleceu a 28 de setembro de 1971, às 16h45.

O Governo do Estado de Minas Gerais criou, em 1977, o Prêmio Nacional de Poesia Emílio Moura, reverenciando o grande poeta mineiro.



"Poesia, teu nome particular é Emílio"

**Exposição comemorativa do
Centenário de Emílio Moura
1902-2002**

Realização

**Superintendência de Bibliotecas Públicas de
Minas Gerais
Secretaria de Estado da Cultura**

Coordenação

Maria Augusta da Nóbrega Cesarino

Design Gráfico

Bernadete Nery

Acervo

**Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa:
Coleções Especiais**

Patrocínio

**Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
Câmara Mineira do Livro**

Agradecimentos

Adriano Macedo, Andreza Xavier de Aguillar, Antônio Luiz Portugal de Moura, Carlos Alberto Portugal de Moura, Claudia Renata Ferrari, Fábio Lucas, Gerson Alves de Oliveira, Helvécio Guimarães, José Arinos Guimarães Machado, José Hipólito de Moura Faria, Leticia Malard, Márcia Caldas de Melo, Núbia de Almeida Monteiro, Osório Couto, Paulo da Terra Caldeira, Ricardo Arnaldo Malheiros Fiúza, Rui Aparecido Coutinho, Vanessa Cristina Mateus.